

A ANTA DO MONTE VELHO (MONFORTE, PORTUGAL)

Leonor ROCHA¹
Paula MORGADO²

ABSTRACT

The dolmen Monte Velho 1 (Monforte, Portugal) is integrated in megalithic tour guide created by the municipality Monforte, and is the first in a series of four monuments (one menhir and three dolmens) to be excavated under the project "Archaeological Map of Monforte", the scientific responsibility of the signatory. The work done in the last two years (2011 and 2012) were aimed at excavation of the monument and evaluating the extent of damage caused by violations and acts of vandalism perpetrated in unknown date.

The monument had a completely damaged chamber having its archaeological level completely removed. This could also be noticed in part of the corridor (near the camera) where prehistoric materials appeared mixed with other more recent chronology.

Compared to the architecture, we can see that it was a monument with a singularity since the runner, unlike the applicant in other monuments in the region presents a misaligned with the axis of the runner chamber

Keywords: Megalithic tombs, Alentejo, Monforte, Portugal

RESUMO

A Anta do Monte do Velho ou anta do Velho 1 (Monforte, Portugal) encontra-se integrada no Percurso de Megalitismo do concelho, criado pela autarquia, e é o primeiro de um conjunto de 4 monumentos (1 menir e três antas) a ser intervencionado no âmbito do Projeto "Levantamento Arqueológico e Patrimonial de Monforte - LEVAM" da responsabilidade científica das signatárias.

Os trabalhos realizados nos últimos dois anos (2011 e 2012) tiveram como objectivo a escavação do monumento e avaliação da extensão dos danos causados por sucessivas violações e actos de vandalismo perpetrados em data(s) desconhecida(s).

O monumento apresentava uma câmara completamente danificada tendo o seu nível arqueológico sido integralmente removido. Esta situação também se verificava em parte do corredor (junto à câmara) onde os materiais pré-históricos surgiam misturados com outros, de cronologia mais recente.

Em relação à arquitectura, podemos verificar que se tratava de um monumento com alguma singularidade, uma vez que o corredor, ao contrário do que é recorrente

nos outros monumentos da região apresenta um corredor desalinhado com o eixo da câmara.

Palavras-Chave: Megalitismo funerário, Alentejo, Monforte, Portugal

1. Enquadramento do Sítio

A anta do Monte Velho localiza-se no concelho de Monforte, freguesia de Monforte (Fig.1).

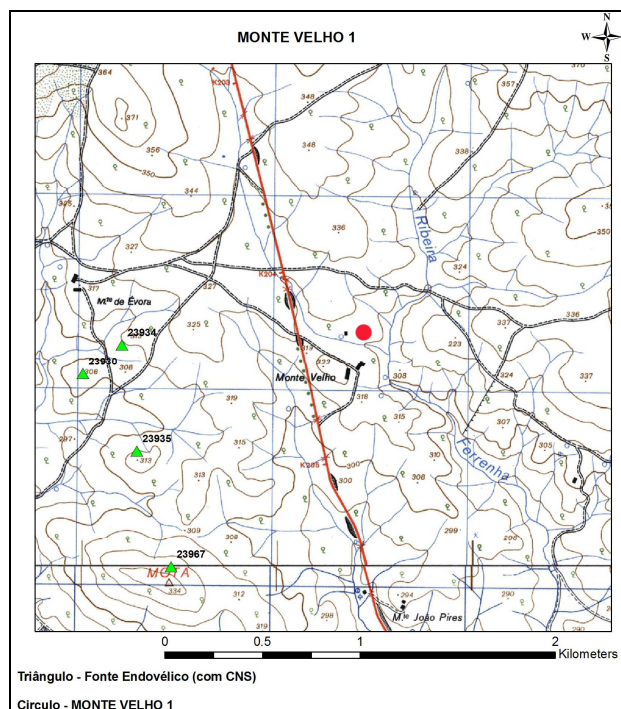


Figura 1 - Localização do monumento - C.M.P. 371 - Esc. 1:25000

O monumento encontra-se implantado numa área de relevo suavemente ondulado, entre duas pequenas linhas de água que alimentam a ribeira da Ferrenha, de caudal intermitente.

Do ponto de vista geomorfológico esta área integra-se numa região relativamente diversificada, entre a Serra de S. Mamede a Norte e a Serra d'Ossa, a Sul. Monforte integra ainda o sistema aquífero Monforte - Alter do Chão, com uma área de cerca de 100 km², orientada sensivelmente NW-SE (Fernandes, 2001). Do ponto de vista geológico estamos perante uma região muito diversificada, com predomínio para as rochas magmáticas - ortogneisses e granitos (Gonçalves et al, 1973, 1975, 1978).

Em termos topográficos podemos considerar que o concelho de Monforte apresenta formas de relevo suaves, representadas a Norte, enquanto a Sul/Sudeste, correspondem relevos mais irregulares, marcados pela presença de grandes afloramentos graníticos associados ao substrato antigo, embora peneplanizado. Os declives mais acentuados apresentam-se junto às ribeiras de

¹ Investigadora do CHAIA. Docente/ Escola de Ciências Sociais - Universidade de Évora

² Investigadora do CHAIA/ Arqueóloga. Câmara Municipal de Monforte

Almuro, Ribeira Grande, da Samarra e do Carrascal, do Almadafe, do Divor e da Têra.

As cotas mais elevadas encontram-se a Sul, junto a St^o Aleixo (402m) e nas formações a Este/Norte de Vaiamonte (393m). Os vales são abertos, com declives relativamente suaves, de fácil transitabilidade.

Nas Memórias Paroquiais de 1758 refere-se a agricultura cerealífera (trigo, cevada e centeio), os favais, os olivais e os grandes montados que produzem bolota e alandes, como os principais frutos da terra, para além da disponibilidade de outros recursos como a pesca de bogas, nas ribeiras “pouco caudalosas” e a caça de lebres, coelhos e perdizes (Cosme e Varandas, 2010). Atualmente, o concelho apresenta áreas com algumas culturas cerealíferas a par de extensas zonas de montado, olivais e de explorações de gado bovino.

2. O monumento

A anta do Monte Velho (Velho1) encontra-se em espaço rural, numa propriedade vocacionada para a criação de gado bovino (Fig.2). O terreno, na envolvente do monumento, não é lavrado há várias dezenas de anos, pelo que a vegetação espontânea tende a crescer em redor, razão pela qual necessita de trabalhos regulares de manutenção.



Figura 2 - Implantação da Anta do Velho 1

Antes de se iniciarem os trabalhos arqueológicos foi realizado um levantamento topográfico com a marcação da quadrícula (16m x 5m), realizados pelos serviços de topografia da Câmara Municipal de Monforte (Emídio Mata), com o apoio das signatárias.

No ano de 2011 procedeu-se a uma limpeza superficial da vegetação (decapagem). Manualmente removeram-se os elementos vegetais e alguns lixos domésticos como roupas, vidros, metais e plásticos, que tinham vindo progressivamente a ser depositados no local, dado o seu estado de abandono.

Em termos de arquitectura, a anta do Monte do Velho apresentava algumas singularidades. A uma câmara que poderemos considerar que se enquadra dentro dos cânones tradicionais, poligonal, com sete esteios, anexa-se um corredor, que se apresenta dissonante no conjunto, uma vez que se encontra com acentuado desvio para Sul.

2.1. Descrição da intervenção realizada

Nos finais do séc. XX, a anta do Monte do Velho havia tido trabalhos de conservação que consistiram na colocação de pedra miúda (gravilha) e geotêxtil do interior da câmara uma vez que esta se encontrava em risco de ruir devido à existência de uma enorme cova existente, resultante de anteriores violações. No início dos trabalhos de escavação houve assim necessidade de se proceder à sua estabilização, com a colocação de escoras de madeira e metálicas, antes de se proceder à remoção destas pedras. Subjacente a esta camada, foi identificada e removida a camada de protecção colocada em 1998/99, sob a qual ainda se encontrava um verdadeiro caos de blocos de pedras, de diferentes dimensões que se encontravam misturados com materiais de cronologia muito recente (pregos, arames, vidros, plásticos) e escassos materiais arqueológicos pré-históricos (cerâmicas). A escavação da câmara permitiu verificar que, infelizmente, esta realidade se prolongava até à base, não se tendo identificado nenhum nível arqueológico preservado. Após se ter confirmado esta situação e tomado a decisão de considerarem concluídos os trabalhos nesta área, por razões de segurança, procedeu-se ao seu desenho, fotografia e cotagem tendo-se de seguida colocado o geotêxtil, seguido de pedras, dispostas manualmente e terras. Posteriormente procedeu-se à remoção das escoras metálicas.

Em relação ao corredor, existiam ainda duas tampas caídas no seu interior que tiveram de ser removidas mecanicamente após a escavação dos níveis superficiais (Fig.3).

No tramo final do corredor, junto à câmara, a realidade era semelhante: todas as camadas se encontravam bastante revolvidas, com pedras e materiais de diferentes cronologias, misturados, desde as cerâmicas manuais pré-históricas, até aos pregos, arames e cerâmicas vidradas.

Face ao desvio do corredor para Sul houve a necessidade de se alargar a quadrícula inicialmente estabelecida em 18m², uma vez que este se prolongava para além dos limites iniciais.



Figura 3 - Remoção das tampas caídas dentro do corredor

Após a remoção das duas tampas do corredor, a continuação da escavação no seu interior permitiu verificar que a nova unidade [12], subjacente às anteriormente registadas nesta área [5], [7] e [8] ainda possuía, na superfície de interface, algumas perturbações. No entanto, é evidente que se trata de uma camada que apresenta muito menos revolvimentos e existem algumas cerâmicas manuais partidas em conexão. Junto aos esteios começaram a identificar-se os calços dos esteios que se encontravam bem definidos do lado Norte e escassos do lado Sul.



Figura 4 - Pormenor dos vasos encontrados no corredor

Entre os primeiros esteios da entrada do corredor foram recolhidos 2 vasos de cerâmica, um com a boca virada para cima e o outro, para baixo (Fig.4). Nesta área a unidade [7] abarcava toda a entrada e alargava-se parecendo formar uma espécie de átrio. Tratava-se de uma unidade que se encontrava muito fragilizada pelo que a sua definição foi extremamente difícil.

A estrutura da mamoa que foi intervencionada, no exterior do corredor, apresenta diferenças entre si. Enquanto do lado Norte, tínhamos uma estrutura pétreia perfeitamente definida, com pedras de dimensão média a grande, do lado Sul, esta não aparecia tão definida e possuía pedras

de menor dimensão. Foram recolhidos alguns materiais arqueológicos nesta unidade [3], nomeadamente instrumentos de pedra polida, muito à superfície e do lado Sul (Fig.5).



Figura 5 - Pormenor machado pedra polida encontrado na mamoa Sul

Os critérios definidos para os trabalhos de escavação consistiram, sempre que possível, na observação das técnicas de registo e leitura estratigráfica propostos por Barker (BARKER, 1989) e Harris (HARRIS, 1991).

As unidades estratigráficas identificadas durante os trabalhos foram numeradas sequencialmente, em ordem ascendente a partir de 0. Cada unidade estratigráfica foi descrita de acordo com as estruturas identificadas, as características do solo e a presença de materiais arqueológicos associados. As terras resultantes da escavação foram integralmente crivadas.

2.2. UNIDADES ESTRATIGRÁFICAS

- [0] – Unidade estratigráfica composta por coberto vegetal, com vegetação rasteira (gramíneas) e pedras da mamoa
- [1] – Unidade composta por uma camada de gravilha e geotêxtil, colocados no interior da câmara nos finais dos anos 90, como forma de protecção do monumento.
- [2] - Unidade composta por pedras de pequena e média dimensão que preenchem a câmara, por baixo de [1].
- [3] – Camada de terras, subjacente à [0], no exterior do monumento. Apresenta tonalidade castanha clara, com algumas pedras misturadas.
- [4] – Camada localizada no interior do corredor (entre a entrada da câmara e os 2 esteios do corredor até à tampa/esteio tombado na vertical). As terras são claras, com muitas pedras de diferentes dimensões que poderão pertencer à mamoa.
- [5] – Camada de terras castanhas claras na área de entrada do corredor. Quadrados G/E/F, 7 e 8.
- [6] – Primeiro anel da mamoa que encosta aos esteios do monumento E/F, 8.
- [7] – Camada de pedra miúda que aparece por baixo da [5] mas que se prolonga para a entrada. Abarca o corredor

nos quadrados E/F, 8. Corresponde ao átrio do monumento.

[8] – Camada subjacente à [4] entre a câmara e a tampa vertical, com menos pedras e mais pequenas. Presença de algumas cerâmicas. Terra castanha solta.

[9] - Cama da tampa [11] que se encontrava derrubada a meio do corredor. Com pedras por baixo, de diferentes dimensões, algumas na vertical e alguns materiais arqueológicos (cerâmicas). Terras castanhas soltas e húmidas.

[10] - Tampa que se encontrava caída quase na vertical, dentro do corredor, junto á câmara.

[11] - Tampa que se encontrava tombada, sensivelmente a meio do corredor. Encostava à [4], [8] e [9].

[12] – Camada de terras castanha clara, mais ou menos compacta, com algumas pedras à mistura, que se define no interior do corredor subjacente às U.E. 5, 7 e 8.

3. Os Espólios

Foram identificados e recolhidos diversos fragmentos de cerâmica manual pré-histórica, alguns com possibilidade de reconstituição formal e com colagem entre si, correspondendo a recipientes de pequenas dimensões como taças e tacinhas. Foram ainda recolhidos alguns fragmentos de cerâmica com decoração: mamilos e um bordo com linhas horizontais, paralelas ao bordo.

As pastas das cerâmicas, de fabrico manual, são grosseiras, com presenças de muitos elementos não plásticos de pequena e média dimensão.

Na parte intermédia do corredor foram recolhidas duas pequenas taças, adjacentes aos esteios 3 e 4, do lado direito do corredor, um com a boca para cima e outro com a boca para baixo.

Em relação à pedra polida, os escassos exemplares encontrados (3) estavam todos na mamoa, especialmente perto uns dos outros e muito à superfície.

A indústria de pedra lascada encontra-se representada através de pequenas pontas de seta, lascas de sílex, restos de talhe.

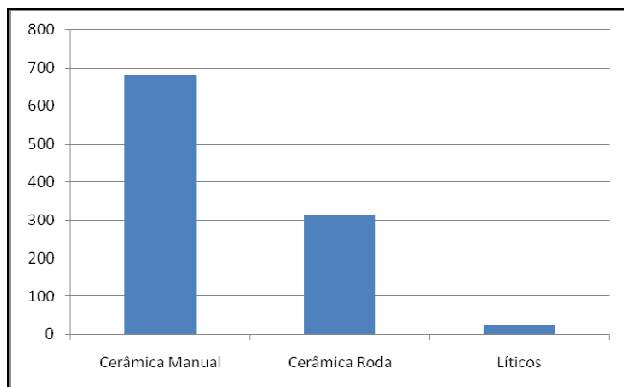


Figura 6 - Principal espólio recolhido - tipos

Foi ainda identificado muito material (lixo) contemporâneo que se encontrava depositado sobretudo na câmara, mas também nas camadas superiores da mamoa.



Figura 7 - Exemplo do lixo recolhido no interior da câmara

4. As leituras possíveis: do particular ao geral

Como referimos anteriormente a anta do Monte do Velho encontrava-se muito afetada por anteriores violações, sendo a câmara, a área que se encontrava em pior estado de conservação, quer em termos estruturais, quer em termos estratigráficos.

No que diz respeito ao espólio encontrado, como se pôde verificar anteriormente é, para um monumento desta dimensão, extraordinariamente escasso por comparação com outros monumentos intervencionados na região (Boaventura, 2006; Oliveira, 1998; Parreira, 1996). Naturalmente que este facto pode ter diversas leituras: 1) as vandalizações ocorridas conduziram a uma destruição e/ou extravio dos materiais. Contra esta leitura, e atendendo a outros casos conhecidos (Fernandes e Rocha, 2008; Rocha 2002, 2007, 2008a, 2008b; Rocha e Alvim, 2013), poderíamos referir que, por norma, este tipo de violações conduz a uma grande fragmentação dos materiais que, juntamente com as terras, ficam depositados nas áreas adjacentes (mamoas), o que não parece ser o caso; 2) o monumento, por motivos vários, não teve uma intensa utilização do seu espaço sepulcral. Os dados que dispomos não nos permitem confirmar ou desmentir esta hipótese, uma vez que a escassez de materiais pode resultar de outros episódios (Rocha, 2005), dos quais não nos ficou nenhum registo visível.

Independentemente das hipóteses expostas anteriormente, importa referir aqui algumas ausências que se afiguram estranhas no contexto do megalitismo regional, atendendo, mais uma vez, à dimensão do monumento: as placas de xisto ou de grés, as contas de colar e as grandes lâminas. De fato, as peças que se fragmentam ou as mais pequenas, costumam passar aos “olhos” dos violadores sendo recorrente encontrarmos vestígios delas nas terras superficiais da mamoa ou ainda no interior do monumento

(Boaventura, 2006; Rocha, 2002, 2008a, 2008b), o que não ocorre na anta do Monte do Velho.

Naturalmente que esta questão dos espólios deve ser analisada também noutra relação: a arquitectura megalítica. Na realidade, nem sempre esta relação é fácil de perceber, sobretudo quando lidamos com dados antigos e onde tudo pode ter acontecido, sem que disso restem evidências no registo arqueológico. Esta difícil relação já baralhou anteriores leituras, por não ser, de todo, linear (Rocha, 2005).

A anta do Monte Velho tem, como se referiu anteriormente, algumas características na sua arquitetura que a tornam especial, no concelho de Monforte.

De acordo com parâmetros anteriormente estabelecidos para classificar os corredores dos monumentos megalíticos funerários (Gonçalves, 1989), a anta do Monte Velho pode ser considerada como um monumento de corredor muito longo o que, conjugado com o seu acentuado desvio para Sul, lhe confere algumas singularidades.

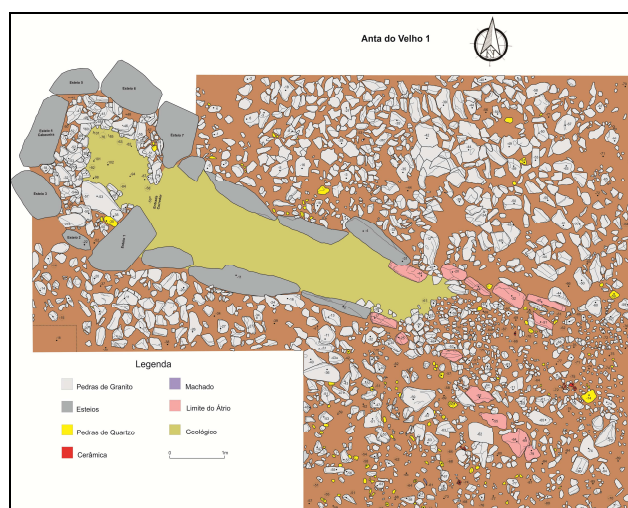


Figura 8 - Planta final com indicação átrio (rosa)

Em termos globais, existem alguns monumentos megalíticos, na região Alentejo, cujos corredores apresentam um desvio, em relação ao eixo da câmara ou outras especificidades. De acordo com a informação e plantas publicadas (Gonçalves, 1992; Leisner e Leisner, 1949, 1959, 1985; Oliveira *et al*, 2007; Parreira, 1996), podemos verificar que: 1) apesar de ser menos frequente, existem monumentos com o corredor desviado para Norte e/ou para Sul, em Nisa, Marvão, Elvas, Avis, Arraiolos, Évora, Reguengos de Monsaraz, Montemor-o-Novo... 2) alguns monumentos possuem corredores que poderíamos considerar como “sinuosos”, ou seja, independentemente do desvio que possam ter, os corredores têm um desenvolvimento curvilíneo. Inserem-se nesta categoria, por exemplo, as antas da Torre do Ervedal 3 e Poço Branco 2, em Avis (Leisner e Leisner, 1959); 3) a maioria dos monumentos apresenta um corredor curto, médio ou longo, mas retilíneo.

A maioria dos monumentos encontra-se orientada a Este, com ligeiro desvio para Sul - cerca de 10° (Oliveira *et al*, 2007).

Para além do interesse que possa ter a relação orientação/lua/sol, já abordada em outros artigos e por outros investigadores (Gonçalves, 1992; Hoskin e Calado, 1998; Leisner e Leisner, 1959; Oliveira *et al*, 2007; Parreira, 1996; Rocha, 2005), e voltando ao caso específico da anta do Monte Velho, parece-nos que esta orientação, tão marcadamente a Sul, num monumento arquitetonicamente evoluído, se deveriam associar materiais cronologicamente enquadráveis na 1ª metade do III milénio a.n.e, o que não se verificou.

Mais uma vez, as perturbações ocorridas no seu interior, em épocas posteriores, deixam-nos com mais dúvidas do que certezas. De facto, ao não existirem quaisquer evidências de terem existido alguns materiais que, por norma, se consideram os espólios característicos de monumentos mais evoluídos e que aparecem em outros monumentos similares da região, poderemos supor que, ou ainda não faziam parte do ritual (fato estranho, atendendo às suas características arquitectónicas); que já não faziam parte dele ou que apesar de ainda em utilização não quiseram, por algum motivo que nos escapa, inseri-lo neste monumento, como já constado para outros conjuntos megalíticos (Gonçalves, 1992: 103). Por vezes, a investigação que realizamos em determinados sítios/ monumentos deixa-nos, no fim, com mais dúvidas do que certezas. Foi o caso da Anta do Monte Velho, em Monforte.

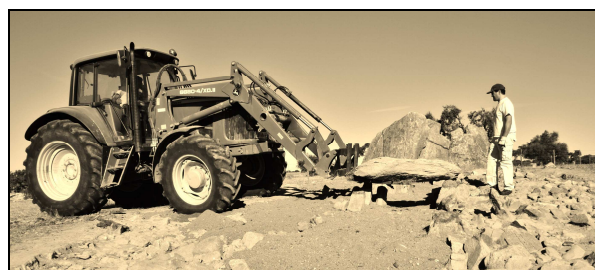


Figura 9 - Monumento nos trabalhos finais de restauro

5. Bibliografia

- BELLIDO BLANCO, A.; GÓMEZ BLANCO, J.L.A. (1996) – Megalitismo y rituales funerarios. *Complutum Extra*. 6 (I). Madrid: Universidad Complutense, p. 141-152.
- BOAVENTURA, R. (2006) – Os IV e III milénios a.n.e na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do clueter de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 9. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 61-73.
- BOUJOT, C; CASSEN, S. (1997) – Néolithisation et monumentalité funéraire: explorations du tertre de Lannec er Gadouer à Erdeven (Morbihan, France). *In: RODRIGUEZ CASAL, A. Ed.(1996) - O Neolítico atlântico e as orixes do Megalitismo*. Actas do Coloquio Internacional. Santiago de Compostela, 1996. p. 211-232.

- Santiago de Compostela: UISPP, Université de Santiago, 1997.
- BUENO RAMIREZ, P. (1994) – La necrópolis de Santiago de Alcantara (Cáceres). Una hipótesis de interpretación para los sepulcros de pequeño tamaño del megalitismo occidental. *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid: [s.n.]. LX, p.25-96.
- BUENO RAMIREZ, P. (2000) – El espacio de la muerte en los grupos neolíticos y calcolíticos de la Extremadura Española: las arquitecturas megalíticas. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 35-80.
- BUENO RAMIREZ, P.; BALBIN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2005) – *El dolmen de Azután (Toledo). Areas de habitación y áreas funerarias en la cuenca interior del Tajo*. UAH. Diputación de Toledo. Monografías 02.
- CABRERO, R. (1986) – El Megalitismo en la Provincia de Huelva I: Aportaciones de nuevos datos y estudios de la Arquitectura. *Huelva en su Historia*. [s.l.:s.n.]. 1, p. 83-147.
- CALADO, M. (1994) – A necrópole dolménica do Lucas (Terena, Alandroal). *Actas das V Jornadas Arqueológicas*. Lisboa, 2, p. 125-131.
- CALADO, M. (2000) – Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Adecap, p. 35-45.
- CALADO, M. (2001) – Da serra d’Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*, 19. Lisboa: IPA.
- CALADO, M. (2003) – Megalitismo, megalitismos: o conjunto neolítico do Tojal (Montemor-o-Novo). *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo*. *Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, p. 351-369.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2000) – Arquitectura espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado – Muitas antas, pouca gente? *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. 16. Lisboa: IPA, p. 195-214.
- CASSEN, S; BOUJOT, C; VAQUERO-LASTRES, J. (2000) – *Eléments d’architecture. Exploration d’un tertre funéraire à Lannec er Gadouer (Erdeven, Morbihan). Constructions et reconstructions dans le Néolithique morbihonnais. Propositions pour une lecture symbolique*. Chauvigny: Association des Publications Chauvignaises.
- CRUZ, D. (1995) – Cronologia dos monumentos com tumulus do Noroeste Peninsular e da Beira Alta. *Estudos Pré-históricos*, v.III, p. 81-119.
- FERNANDES, R; ROCHA, L. (2008) – Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 11. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 29-40.
- FERREIRA, O. da VEIGA, CAVACO, A. R. (1955 - 1957) – Antiguidades do Lousal (Grandola). Sepulturas descobertas. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: SPAE e CEEP. XIII. N.S, p. 190-202.
- GARCÍA SANJUÁN, L; GARRIDO GONZÁLEZ, P; LOZANO GOMÉZ, F. (2007) - Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica. *Complutum*. 18 (December 2007), Madrid: Universidad Complutense de Madrid.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/UNIARQ. 2vols.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos*. [s.l.]: CMRM.
- GONÇALVES, V. S. (2001) – A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Vol. 4. Nº 2. Lisboa: IPA, p. 115-206.
- GONÇALVES, V. S; SOUSA, A.C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz. In: Gonçalves, V.S., (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? - Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 11-104.
- HELENO, M. (1956) – Um quarto de século de investigação arqueológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. (n.s.): III, p. 221-237.
- HOSKIN, M; CALADO, M. (1998) – Orientations of Iberian Tombs: Central Alentejo Region of Portugal. *Archaeoastronomy*.Cambridge: [s.n.]. 23, p. 77-82.
- JIMÉNEZ GUIJARRO, J. (2000) – Poblamiento neolítico y megalitismo en la Alta Extremadura: continuidad, aculturación e implantación. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 95-104.
- JORGE, V. O. (1986) – Polymorphisme des tumulus préhistoriques du Nord du Portugal: le cas d’Aboboreira. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*. [s.l.:s.n.]. 86-3, p. 177-182.
- JORGE, V. O. (1991) – Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia. In: *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*. Lisboa: ICT, p. 205-213.
- KALB, Ph. (1989) – O Megalitismo e a neolitização no Oeste da Península Ibérica. *Arqueologia*. 20. Porto: GEAP, p. 33-46.
- LE ROUX, C.-T. (2000) – Il faut qu’une tombe soit ouverte ou fermée. Muitas antas, pouca gente? *Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 16, p. 267 – 282.
- LEISNER, G. (1949) – Antas dos Arredores de Évora. *Separata de A Cidade de Évora*. Évora: [s.n.].16, 17, 18.
- LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalith graber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.
- LEISNER, G. e V. (1985) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARCH (reed.).
- LEISNER, V. (1970) – Micrólitos de tipo tardenoisense em dólmens portugueses. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa, v.II, p. 195-198.
- LEISNER, V. (1985) – *Micrólitos – Apontamentos tomados no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia*. Lisboa: Instituto Arqueológico Alemão.
- MARTÍN BRAVO, A. M. ^a; GALÁN DOMINGO, E. (2000) – Megalitismo y paisaje en la cuenca extremeña

- del Tajo. *Extremadura Arqueológica*. VIII. Mérida: Junta Extremadura: 81-94.
- MOLIST, M; CLOP, X. (2000) – La investigación sobre el megalitismo en el noroeste de la Península Ibérica: novedades y perspectivas. Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 16, p.253 – 266.
- MORGADO, P; ROCHA, L. (2013) – Carta Arqueológica de Monforte: primeiros dados. Atas do VI *Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. 35pp.
- OLIVEIRA, C; ROCHA, L; MARCIANO DA SILVA, C. (2007) – Megalitismo funerário no Alentejo Central – arquitectura e orientações: o estado da questão em Montemor-o-Novo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10. Lisboa: IPA. 2, p. 35-74.
- OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever*. Lisboa: Ed. Colibri.
- PARREIRA, R. (1996) *O conjunto megalítico do Crato (Alto Alentejo). Contribuição para o registo das antas portuguesas*. Lisboa: FLUP. Tese de mestrado policopiada.
- ROCHA, L. (1999) – Aspectos do Megalitismo da área de Pavia, Mora (Portugal). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. 2, p. 71-94.
- ROCHA, L. (1999) – O megalitismo funerário da área de Pavia, Mora (Portugal). Estado actual da investigação. *II Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*.
- ROCHA, L. (1999) – *Povoamento Megalítico de Pavia. Contributo para o conhecimento da Pré-história Regional*. Mora: Câmara Municipal de Mora.
- ROCHA, L. (2002) – A anta do Couto dos Algarves 2 (Crato). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. 20-IV, p. 39-60.
- ROCHA, L. (2005) – *As origens do megalitismo funerário no Alentejo Central: a contribuição de Manuel Heleno*. Lisboa: FLL. Tese de doutoramento policopiada.
- ROCHA, L. (2008) - *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 1 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR/DGPC. Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2007) – O monumento megalítico do Lucas 6 (Hortinhas, Alandroal): um contributo para o estudo das arquitecturas megalíticas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. vol. 10. Nº 1. Lisboa: IPA, p. 73-94.
- ROCHA, L. (2008a) – *Relatório da intervenção arqueológica realizada na anta da Murteira de Cima (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L. (2008b) – *Relatório de escavação do sítio arqueológico da Hortinha 2 (Torre de Coelheiros, Évora)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- ROCHA, L; ALVIM, P. (2013) – Novas e velhas análises da arquitectura megalítica funerária: o caso da Mamoá do Monte dos Condes (Pavia, Mora). *5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 521-527
- ROCHA, L; CALADO, M. (2006) – *Megalitismo de Mora: nas fronteiras do Alentejo Central*. Lisboa: Apenas Livros, Lda.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2014a) – O Neolítico do Concelho de Arraiolos: um ponto de situação. *Actas do 5º Congresso do Neolítico Peninsular*. Lisboa. p. 341-349.
- ROCHA, L; SANTOS, I. (2014b) – *Relatório de Prospecção Arqueológica/ 2012. PNTA – Levantamento arqueológico e Patrimonial de Arraiolos – LAPA*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.
- SILVA, C. T; SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: a sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: [s.n.]. 4: I, p. 63-88.
- SILVA, C.T. (1987) – Megalitismo do Alentejo Ocidental e do Sul do Baixo Alentejo (Portugal). *Actas da Mesa Redonda sobre El Megalitismo en la Península Ibérica*. Madrid: Ministério de Cultura, p. 85-93.
- SOARES, J. (1996) – Na busca de um passado comum: o Neolítico e as origens do Megalitismo. *Al-madan*. Almada: [s.n.]. 5, p. 37-45.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (1976-77) – O Monumento Megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. II-III, p. 109-150.
- SOARES, J; SILVA, C.T. (2000) – Protomegalitismo no Sul de Portugal: inauguração das paisagens megalíticas. In: GONÇALVES, V.S. (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente? – Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 117-134.